



Em seis dias Samora Machel conquistou os portugueses

Habituada a visitas de Estado meramente protocolares, a opinião pública portuguesa aderiu facilmente à personalidade pujante e calorosa de um político diferente

Carlos Pinto Santos

QUANDO o "Tupolev" da Presidência da República de Moçambique aterrou no aeroporto da Portela na tarde de 7 de Outubro, Samora Machel tinha já alcançado grande parte do sucesso da sua visita de seis dias a Portugal.

Na véspera, a televisão portuguesa transmitira uma espantosa entrevista sua que, contando à partida com expectativa pouco

habitual, provocara uma perceptível onda de simpatia por uma visita de Estado e por um visitante "diferentes" do acontecido em Portugal nos últimos anos.

O antigo chefe guerrilheiro, o dirigente máximo de um país que fora colónia de Portugal, vinha encontrar-se com uma população constituída em cerca de dez por cento por ex-retornados obrigados, em grande parte, após 1974, a re-

fazerem a vida em condições difíceis e traumáticas. Por outro lado, Moçambique é mal conhecido pelos portugueses, que dele têm uma imagem distorcida, e o mesmo acontecia com o seu primeiro dirigente, a quem sectores revanchistas (não só compostos por retornados) tinham escolhido, ao longo dos últimos anos, como centro de historicidades depreciativas e inverosímeis.

Assim, a entrevista televisiva constituiu como que uma revelação para a opinião pública portuguesa, a partir daí a ser envolvida por uma personalidade pujante de uma espontaneidade emotiva, calorosa e franca. No dia seguinte, a meia hora de antena em que Samora Machel falara para os portugueses originou conversas animadas — já um pouco em desuso nas rubricas de televisão de carácter político — que na sua globalidade mostravam o impacto favorável e a simpatia causada pelo presidente moçambicano.

Depois, desde o "*Meu amigo Ramalho Eanes, como estás?*" exclamado quando pisou pela primeira vez o solo português, até o "*Agora vou para o estrangeiro*" ao despedir-se seis dias depois, Machel não parou de subir na escala afectiva dos portugueses e dos surpreender pelo seu estilo franco, o seu humor transbordante, a sua irresistível tendência para quebrar o protocolo em todos os actos so-

◀ Samora Machel e Ramalho Eanes: o excelente relacionamento pessoal dos dois presidentes contribuiu muito para o actual estado das relações entre Moçambique e Portugal



C. Pinto Santos

lenes em que participava.

A mensagem de Machel

Ao chegar a Lisboa, Samora Machel trazia aos portugueses, na sua bagagem, essencialmente um tipo de mensagem, a completar uma outra levada pelo presidente da República portuguesa a Moçambique, em Dezembro de 1981.

Uma mensagem histórica para o estreitamento da amizade de Moçambique e Portugal, de consagração da fraternidade de dois povos que, virada a página da época colonial e das suas sequelas, criaram agora condições para verdadeiramente se descobrirem. Mas também a olhar para o futuro. A propor um maior relacionamento, a busca dos muitos caminhos de cooperação económica, mutuamente vantajosos, e a serem discutidos sem paternalismos nem ressentimentos.

Se uma parte desta mensagem - a da cooperação económica - não foi conseguida por carência de força anímica do governo português, incapaz de fazer frente às limitações impostas pelos financiadores internacionais, a outra - a da amizade e da descoberta - foi exuberantemente atingida. O seu mérito cabe sobretudo a dois interlocutores: o presidente da República Popular de Moçambique e o povo português.

Para as dezenas de jornalistas que acompanharam o presidente moçambicano no carregadíssimo programa da sua visita (talvez a mais importante que um chefe de Estado fez a Portugal após o 25 de Abril) foi gratificante ver a facilidade de contacto humano de Samora Machel com os milhares de pessoas que entusiasticamente o saudavam no seu percurso. Podem testemunhar a sua emoção assumida, o seu prazer de estar em Portugal, a sua vontade de bem vincar que a história estava a acontecer.

Foi, como escreveu o repórter de um matutino, "um serviço dos que se fazem com gosto. E, pelo seu significado histórico, dos que se acompanham com emoção. Para usar uma palavra grata ao presidente moçambicano, com alegria".

O itinerário

7 de Outubro, Lisboa. Três horas depois de ter chegado a Portugal, Samora Machel é recebido no Palácio de Belém por Ramalho Eanes que o interroga sobre as suas primeiras impressões. "Tudo bem. O mais difícil está feito", responde o presidente moçambicano aludindo à sua chegada ao aeroporto onde tinha sido perceptível uma certa tensão expectante na delegação moçambicana e na segurança destacada para a sua protecção. Mas as palmas e os vivas a Samora e à Frelimo lançados pelos milhares de pessoas que o aguardavam rapidamente "descongelaram" qualquer receio de animosidade.

8 de Outubro, Lisboa. Samora Machel é recebido na Câmara Municipal de Lisboa pelos diri-

gentes autárquicos. Quando recebe a Chave de Ouro da cidade que lhe oferece o presidente da CML, Samora Machel desfere um dos seus primeiros "golpes" nas formalidades protocolares. "Então não batem palmas?", pergunta. "Não sei se isto vai contra o protocolo. O protocolo é feito pelos homens. Não se faz protocolo onde não existe alegria e emoção. O protocolo faz-se com amor".

Samora Machel depõe, ao som de trompetas militares, uma coroa de flores no túmulo de Luís de Camões, no mosteiro dos Jerónimos. Como afirmara anteriormente, vinha prestar homenagem a um poeta universal, ao expoente máximo da língua portuguesa, o património comum, mais rico e perene, que une o seu povo aos portugueses.

Visita ao túmulo do Soldado Desconhecido no mosteiro da Batalha. O percurso protocolar de Machel foi invariavelmente interrompido por contactos directos com a população



D. G. Comunicação Social

“Vais investir?”

Uma hora depois, Samora Machel está no hotel do Estoril num almoço com cerca de duas dezenas de empresários. Entre Ramalho Eanes e Mário Soares, o presidente moçambicano faz um discurso que visivelmente agrada aos membros da Associação Industrial Portuguesa. Fala do interesse de Moçambique pela “tecnologia intermédia” portuguesa, insiste no interesse pelo desenvolvimento da cooperação económica com Portugal, descreve os sectores prioritários para essa cooperação, faz apelos aos investimentos dando garantias de segurança, e pede sugestões para a elaboração do código moçambicano de investimentos estrangeiros, em preparação. Dando provas de uma excelente memória, quando é abordado individualmente por empresários com negócios em Moçambique e que se identificam pelo nome da sua firma, Machel dispara perguntas à queima-roupa do estilo. “desta vez vais investir?”, “quando começa a funcionar a tua empresa?”, “estou muito contente com o teu trabalho, que vais fazer em seguida?”

Encontro com Eugénia Neto

Acompanhados por Ramalho Eanes e Manuela Eanes, Samora Machel e Graça Machel visitam a Fundação Calouste Gulbenkian onde encerram a exposição sobre a Ilha de Moçambique.

Manuela Eanes conduz Eugénia Neto até junto de Samora Machel que estreita a viúva do presidente Agostinho Neto num longo abraço comovido.

9 de Outubro, Batalha. Samora Machel, sempre acompanhado por Ramalho Eanes, visita o Mosteiro da Batalha onde coloca flores no túmulo do Soldado Desconhecido.

À saída do monumento gótico quinhentista, o presidente moçambicano dirige-se às centenas de pessoas que o saúdam e aproveita para endereçar para Espanha, por intermédio de um grupo de turistas daquele país, “um abraço para o povo inteiro da Espanha”.

Coimbra. Os dois helicópteros “Puma” da comitiva presidencial poissam no Estádio Universitário rodeados por milhares de pessoas

gritando “Bem vindo, amigo”, “Bem vindo, Samora Machel”. O presidente moçambicano visita a velha Universidade (onde Graça Machel estudou) e extasia-se com a riqueza dos interiores da biblioteca joanina. À saída, corresponde às saudações dos estudantes (que lançam vivas a Moçambique e à Frelimo e cantam a “Internacional”), com vivas a Portugal e à amizade entre os dois povos. Uma vez mais, finta a segurança e o protocolo e abraça e é abraçado (submerso) pela multidão.

“O colonialismo era aquilo que nos desunia. Hoje, só existe o que nos une, a fraternidade, e a fraternidade tem de ser desenvolvida em direcção do amor. Com amor teremos paz, progresso, bem-estar, felicidade”, retorque Samora Machel à saudação do reitor da Universidade de Coimbra no almoço do Palácio Ducal de São Marcos. “A Universidade — continuou o presidente — deu um grande contributo, ao formar quadros progressistas que combateram aquilo que nos desunia, o colonialismo. Nós somos o produto do colonialismo. Nós ainda não somos nação. Somos um país, com grupos com a sua cultura, com as suas línguas. Queremos formar a nação, a pátria moçambicana. O colonialismo deixou um elemento positivo, a língua portuguesa. Viva a língua portuguesa!” Ao lado de Samora Machel encontra-se o escritor Miguel Torga com quem, momentos antes, o presidente moçambicano se tinha avistado a sós, por sugestão de Eanes.

É nesta ocasião que o chefe de Estado português revela num contacto informal de uma roda de jornalistas ir convidar Samora Machel a passar férias em Portugal. Ficará para essa altura — segundo Ramalho Eanes — a visita do líder moçambicano ao Alentejo que não foi agora efectuada por critério de programa.

“Os meus generais do Nó Gordio”

No final da sua permanência na região de Coimbra, e já depois de Samora Machel ter ouvido e cantado o fado coimbrão, acontece um curto e bem humorado episódio. Caminhando para os helicópteros,

Machel dá conta de estarem presentes na comitiva três generais portugueses que tinham participado no comando da operação “Nó Gordio”, última grande contra-ofensiva do então comandante-chefe das tropas coloniais portuguesas Kaulza de Arriaga, na região de Nampula, em 1973. Puxando os fardados generais portugueses pelo braço, Samora Machel insiste em posar com os “seus” generais do “Nó Gordio”. Estes, entre os quais o antigo chefe do Estado-Maior de Kaulza de Arriaga, querem juntar ao grupo o antigo “capitão de Niassa”, Ramalho Eanes que se escusa com o apoio de Samora Machel. A cena de confraternização de antigos inimigos que o presidente moçambicano provoca não pode deixar de ter para quem a observa — embora essa não fosse de todo a intenção de Machel — uma outra leitura. A imagem vitoriosa do movimento de libertação nacional com os generais derrotados na última cartada do exército colonial.

Porto. Samora Machel visita as caves do vinho do Porto, a que dirige rasgados elogios. “Este vinho faz do povo português, um povo internacionalista. Em toda a parte onde há pessoas entra este vinho, independentemente das ideologias”. E assegura guardar para o museu ou para os seus bisnetos uma garrafa de 1815 que lhe é oferecida.

Depois de mais um contacto físico com centenas de pessoas que exclamam “Samora amigo, o povo está contigo”, o presidente moçambicano janta com empresários nortenhos, no Palácio da Bolsa. No discurso que dirige aos seus anfitriões, Machel volta a enumerar as prioridades dos produtos portugueses desejados: têxteis, confecções, calçado, mobiliário, vinho, máquinas agrícolas, lacticínios, hotelarias, óleos e sabões. Promete a abertura de um consulado moçambicano no Porto que lhe é pedido: “Está decidido. Vamos nomear um cônsul. Digam onde é a residência do cônsul, façam-na e nós pagamos com madeira, com chá, com café, com algodão, com feijão. Ou se quiserem, fazemo-la nós com madeira moçambicana. Enquanto o cônsul não vier, o embaixador de Moçambique em Lisboa passará a

visitar o Porto". Eanes aproveitou para instigar os empresários nortenhos a negociarem com Moçambique.

Guimarães. São duas horas da manhã quando Samora Machel chega à cidade do primeiro rei de Portugal, mas ainda há gente que o aguarda para o saudar. No rosto do presidente, os jornalistas notam, pela primeira vez, sinais de cansaço. No dia seguinte, quando parte para Tancos, Samora Machel cumprimenta os vimaranenses que o esperam em frente ao Palácio Ducal e interroga-se se não haverá entre eles alguns que vira na noite anterior.

"Fazem parte da nossa história"

10 de Outubro, Tancos. Samora Machel presta homenagem aos pará-quedistas portugueses mortos na guerra colonial. É um acto de grande significado político, delicado mas necessário, que completa o que Ramalho Eanes cumprira em Moçambique quando se inclinara diante do Monumento dos Heróis Moçambicanos.

No museu da base militar, o comandante aponta a lista dos soldados mortos em África. Dirigindo-se ao presidente moçambicano diz: "a partir daqui, são os que morreram em Moçambique". "Isto pertence ao passado. Fazem parte da nossa história", responde Samora Machel, após uns segundos de silêncio.

Sintra. O primeiro-ministro português oferece a Samora Machel e à comitiva moçambicana um almoço no Palácio da Vila. O presidente moçambicano define "o sentido e a filosofia" da cooperação com Portugal que deverá ser "um rigoroso processo que beneficie, nas mesmas proporções, as partes envolvidas". Cooperação que "não pode ser vista na concepção em que o fluxo do movimento só acontece numa única direcção". Acrescenta Machel: "estamos em condições óptimas de associar os nossos recursos e capacidades, e transformar a natureza em riqueza material e espiritual em proveito dos nossos povos".

Antes, Mário Soares afirmara-se empenhado em "apoiar os nossos empresários na criação de empre-



Graça e Samora Machel com Miguel Torga em Coimbra. O presidente moçambicano conversou em privado com o escritor acerca das relações culturais dos dois povos

sas mistas luso-moçambicanas... em fomentar a criação de 'joint-ventures' entre empresas portuguesas e moçambicanas para participar em concursos internacionais, em desenvolver acções concretas de cooperação tripartida". Completando um raciocínio que não se exprimiria nos magros acordos de cooperação económica assinados dois dias depois, declara o primeiro-ministro português: "não faltarão capitais próprios e alheios que estamos em condições de mobilizar".

Quando cumprimenta o ministro das Finanças, Ernâni Lopes, o presidente moçambicano diz-lhe de chofre: "Ouvi dizer que você é muito duro". Ao que o ministro português apenas retorque, embaçado: "Tem de ser"...

Com os signatários dos Acordos de Lusaca

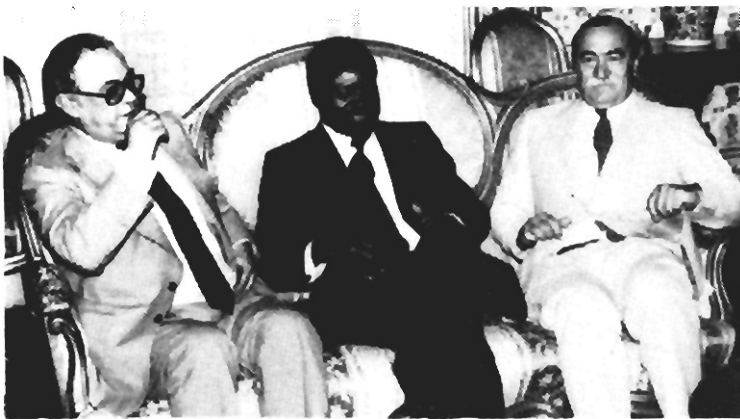
Queluz. Ao fim da tarde, Samora Machel encontra-se com alguns dos signatários dos Acordos de Lusaca que em Setembro de 1974 significara o primeiro acto para a formalização da independência da República Popular de Moçambique. Na foto que fixou a recordação, os signatários da parte portuguesa, o almirante Vítor Crespo, os tenentes-coronéis Melo Antunes e Nuno Lousada e Antero Sobral, emparceiram com Samora Machel, Joaquim Chissano, Armando Guebuza e João Baptista Cosme.

11 de Outubro, Nafarros. Mário Soares recebe de novo Samora

Machel, desta vez na sua casa de campo nos arredores de Lisboa. Para além do ambiente descontraído que os jornalistas registam (ao ser presenteado por Mário Soares com uma foto emoldurada em que figuram os dois, Samora Machel proporciona uma gargalhada geral quando exclama: "Mário, tu aqui estás bonito!"), sabe-se mais tarde ter sido neste encontro das duas delegações que ocorrem os primeiros grandes "baldes de água fria" nos projectos de intercâmbio económico. Mário Soares e o ministro de Estado Almeida Santos, recuam nas intenções de desenvolver o campo da cooperação económica argumentando com a difícil situação financeira portuguesa. São as teses "FMI" de Ernâni Lopes (aumente em Nafarros) que começam a vingar. Nada sai de concreto desta sessão de conversações, excepto promessas vagas de "bons ofícios" do governo português junto dos "seus amigos do Mercado Comum" para encaminhar créditos em direcção a Moçambique.

Um acto de cultura

Lisboa. O presidente moçambicano é recebido na Assembleia da República por deputados de todos os partidos aí representados. O presidente do parlamento, Tito de Morais, saúda Samora Machel citando Amílcar Cabral, "nosso saudoso e querido amigo comum", para quem a luta de libertação "era essencialmente um acto de cul-



Baptista da Silva

Encontro com dois signatários dos Acordos de Lusaca, tenente-coronel Melo Antunes e almirante Vítor Crespo, que foi membro da Comissão Coordenadora do MFA e alto-comissário português em Moçambique

tura". Também a visita a Portugal do presidente moçambicano, "é, em si mesma, um acto de cultura, que a uns e outros definitivamente liberta de fantasmas e preconceitos", afirma Tito de Morais.

Samora Machel, ignorando o discurso escrito que trazia, dirige-se aos deputados salientando encontrar na sala caras conhecidas, da luta clandestina, do exílio, da luta no interior do país. Sauda o 25 de Abril e os militares portugueses que "cumpriram o seu dever", mas não esquece que a queda do regime colonial-fascista caiu devido à luta do povo português.

Termina exclamando: "estou emocionado, não posso continuar".

De regresso a Queluz, Machel recebe os militares de Abril, representados pela direcção da Associação 25 de Abril: major Vasco Lourenço, capitão Barbosa Pereira, comandante Martins Guerreiro, tenente-coronel Pinto Soares, Carlos Camilo e Brás da Costa.

A dimensão da história

Recepção no Palácio de Queluz oferecida por Samora Machel a Ramalho Eanes. Entre as dezenas de convidados do presidente moçambicano estão membros do governo, militares de Abril, dirigentes partidários, intelectuais e artistas portugueses. A hora é de confraternização e de despedida, mas também para os últimos discursos oficiais.

Samora Machel: "O que vivemos e sentimos aqui, tem a dimensão da história. A memória destes dias

viverá sempre nos nossos corações. Guardaremos sempre as imagens belas de amor e carinho, de entendimento e de calor humano".

As últimas palavras do presidente moçambicano dirigem-se ao "ao papel relevante" que "muitas personalidades portuguesas tiveram na construção do clima de entendimento e de cooperação entre os nossos dois povos e países. São personalidades da vida política portuguesa. São empresários empenhados no esforço da nossa cooperação. São operários e camponeses, são trabalhadores de todos os sectores. São artistas, são escritores, são cientistas, são técnicos. A sua contribuição, muitas vezes em situações difíceis, foi inestimável. Os cooperantes portugueses em Moçambique são os melhores embaixadores das qualidades do povo português".

Ramalho Eanes: "Sempre soubemos que a sua visita seria um êxito que a adesão popular evidenciou por toda a parte. Fizemos os portugueses questão de exprimir o carinho que sentem pelos amigos fraternos e de dizer àqueles que insistem em agitar equívocos e fantasmas, que somos hoje duas nações plenamente soberanas cujos interesses próprios exigem o aprofundar de uma cooperação sólida e reciprocamente enriquecedora".

"E porque queremos uma cooperação segura e eficiente acrescentou Ramalho Eanes - assente em vantagens mútuas, saudamos a excepcional abertura que tem manifestado em relação às possibilidades de diversos sectores

de actividade portuguesa em Moçambique, desde a grande empresa à mais modesta agricultura familiar."

As lágrimas de Machel

12 de Outubro, Palácio da Ajuda. Assinatura de um protocolo de amizade e cooperação entre Portugal e Moçambique. Por sugestão de Samora Machel, prontamente aceite pela parte portuguesa, o documento firmado tem a designação de *tratado* e não apenas de *acordo* para vincar mais o estilo de relações que os dois países pretendem estabelecer ("Com Portugal não queremos apenas um acordo, mas um tratado", afirmara o presidente moçambicano numa entrevista anterior à sua visita).

Após o tratado, dois outros protocolos são assinados, um de carácter financeiro, o segundo de formação científica e tecnológica (ver caixa). O acordo judiciário previsto não é assinado e remetido para um próximo encontro entre os ministros da Justiça dos dois países.

No salão onde decorre o acto solene, pressente-se um clima de frustração e desalento entre as delegações, particularmente visível na moçambicana pelos fracos resultados alcançados.

Porém, a frieza do ambiente é sensivelmente alterado com os dois últimos actos que encerram a sessão.

O primeiro, é a evocação pelo ministro português da Cultura, Coimbra Martins, do exílio na ilha açoriana da Terceira do imperador dos vátuas e herói moçambicano contra a ocupação colonial, Gungunhana, desde 1896 até à sua morte, em 1906. "Volta à sua terra o que resta de quem tanto suspirou por ela", diz o ministro antes de proceder à entrega a Samora Machel da chave da urna que contém os restos mortais de Gungunhana.

O presidente moçambicano tem dificuldade em resistir à emoção com que ouve o caloroso discurso de Coimbra Martins. No final, estreita com força e em silêncio o ministro português e Ramalho Eanes, e começa a pestanejar nervosamente. Tira um lenço e enxuga

as lágrimas que inutilmente tenta disfarçar.

O segundo acto que aquece o ambiente é o agraciamento a Ramalho Eanes da Ordem Amizade e Paz, 1.º Grau, a mais alta condecoração moçambicana, pela primeira vez atribuída.

No texto que acompanha a condecoração, lido por Joaquim Chissano, diz-se nomeadamente:

"As nossas relações com o povo

português são antigas. Porque é a mesma a força dos ideais de liberdade, que sempre animou os nossos povos, encontramos na vitória comum sobre o colonialismo e o fascismo, a avenida larga por onde moçambicanos e portugueses podem marchar lado a lado na construção de um futuro de amizade e de paz."

E mais à frente:

"São elevados os méritos do

presidente Ramalho Eanes na sua acção a favor da amizade entre os povos, em prol da paz entre os Estados e da solidariedade para com o povo moçambicano e a República Popular de Moçambique."

"Obrigado povo português"

No aeroporto, antes de partir para a Jugoslávia, sua próxima escala europeia, Samora Machel, de novo emocionado, agradece a visita ao seu "anfitrião e interlocutor" Ramalho Eanes e aos portugueses a "hospitalidade calorosa e familiar" com que o acolheu: "Obrigado povo português pela lição magnífica de solidariedade e amizade que nos proporcionou. Não esqueceremos o que vimos, ouvimos e aprendemos."

Os jornalistas portugueses que na véspera tinham agradecido colectivamente ao presidente da República Popular de Moçambique a forma fraterna com que ele os tinha tratado durante toda a sua estadia, não são esquecidos: "obrigado imprensa pela cobertura extraordinária da nossa presença".

Depois, é o "agora vou para o estrangeiro". □

Machel agracia Eanes com a mais alta condecoração moçambicana pela primeira vez atribuída

D. G. Comunicação Social



Os acordos assinados

O Tratado de Amizade e Cooperação celebrado entre a República Popular de Moçambique e a República Portuguesa é o primeiro do género assinado por Lisboa, com um país africano de língua portuguesa. Tem uma duração de dez anos e é automaticamente renovado por períodos de cinco anos, caso não seja denunciado por uma das partes.

No seu articulado, os dois países signatários comprometem-se, nomeadamente, a "reconhecer os interesses profundos que dizem respeito aos dois povos e os diversos vínculos que os ligam; a promover a cooperação entre todos os povos na luta pela independência, pela liberdade, pela paz, pela democracia e pelo progresso; reafirmam o direito soberano de todos os povos escolherem livremente o seu sistema político, económico e social; empenham-se, decididamente, na eliminação do colonialismo e de todas as formas de racismo e discriminação; afirmam que o reforço de cooperação entre os dois Estados contribuirá para o desenvolvimento harmonioso das suas relações e concorrerá para a estabilidade internacional; sublinham a existência de especiais laços de amizade entre os dois povos alicerçados num contacto histórico multissecular, designadamente traduzido na utilização de uma língua comum e em afinidades culturais resultantes de influências recíprocas e comprometem-se a prosseguir e a intensificar uma política de cooperação que reforce aqueles laços e estreite e aprofunde o conhecimento entre os dois povos".

O protocolo financeiro resume-se a manter os limites de crédito estabelecidos no acordo de 1981, até fins de 1983 (data já afixada no próprio protocolo de revisão desse acordo), negociados entre os bancos centrais dos dois países que deverão, ainda durante este ano, entabular contactos com vista a um eventual acréscimo do limite global do referido protocolo. No último trimestre de 1984, dever-se-á proceder à análise da evolução verificada nas negociações entre o Banco Nacional de Moçambique e o Banco de Portugal.

O protocolo de formação científica e tecnológica é o único que aponta para uma realização concreta. Nele se estipula a construção e funcionamento, em Moçambique, de um centro de formação profissional integrado no projecto do ferro e aço moçambicano. Para isso, será estabelecido um programa de formação, reciclagem e adaptação da força de trabalho a empregar no referido projecto. Ficam programadas as seguintes acções: construção de um Centro de Formação com capacidade inicial de 100 alunos/ano até 500 alunos/ano; apetrechamento do centro em material didáctico oficial; elaboração do programa técnico-pedagógico; formação de formadores; formação em sectores de gestão de técnicos e auxiliares; formação tecnológica; unidades de laminagem, metalurgia de metais ferrosos.

A secretaria de Estado da Cooperação, participará na realização dos programas anuais, assegurando os custos financeiros das acções de formação que tenham lugar em Portugal, mediante a concessão de bolsas de estudo.